

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondência relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

Quem os não conhece?

A imprensa catholica nos ultimos tempos tem tomado uma attitude um tanto energica na defesa dos direitos da Igreja. Que esta attitude é necessaria, ninguem de bom aviso o negará.

Todavia os nossos *bons liberaes* pensam diversamente; vêem nessa attitude, não um serviço, mas um desserviço á Igreja. «O chamado jornalismo catholico, discutindo, como tem discutido, presta um mau serviço á causa que diz defender» annotam elles. «País verdadeiramente catholico, a Igreja goza entre nós de todas as liberdades e está longe das crises que atravessa noutros países. Em Portugal ninguem hostiliza a Igreja e os seus representantes. O governo não pretende perseguir nem offender a Igreja».

Estas asserções se lêem ahi a cada passo no *Correio da Noite*, no *Dia* e em outros periodicos de igual jaez. Sam a expressão da verdade, ou sam o reboço da hypocrisia?

Julguem os leitores, como quisérem ou entenderem. Acho extraordinario que, sendo nós todos catholicos, isto é, crendo nos mesmos dogmas e acceitando os mesmos preceitos e obedecendo á mesma auctoridade, não vivamos em boa harmonia e andemos sempre em recriminações, como se fossemos inimigos.

De quem é a culpa? De nós, o chamado jornalismo catholico? Ou delles, os jornalistas liberaes?

Novamente digo: julguem os leitores.

O povo, na sua philosophia que ás vezes vale tanto ou mais que a dos grandes sabios, diz que o demonio tanto cobre como descobre; que, se cobre com uma mão, descobre com a outra. Ora os jornalistas liberaes, que directa ou indirectamente servem ao demonio, embora procurem velar os seus intentos, difficilmente o conseguem; é raro não deixarem um postigo, por onde se possa ver o que levam em mente.

Dizem-se catholicos e como taes querem ser considerados, mas ao mesmo tempo vam fa-

zendo ameaças á Igreja e aos seus ministros. Accusam-nos de prejudicarmos a causa que defendemos e lembram-nos as difficuldades com que a Igreja tem de lutar em certos países. Isto, dito por outras palavras, quer dizer que tambem pôde succeder em Portugal o que está succedendo em outras nações e que nós podemos ser a causa disso com as nossas imprudencias.

Ora é por aqui que se vê a boa qualidade dos catholicos liberaes. Deixam perceber que em Portugal tambem a Igreja pôde soffrer oppressões e perseguições, como está soffrendo noutros países.

Sim, pôde. Mas quem será capaz de fazer essas oppressões e perseguições? Nós?—Evidentemente não; ninguem crerá que nós, defendendo como defendemos a Igreja, lhe preparemos perseguições ou oppressões.

Serám os jacobinos mais avançados, os jacobinos mais furiosos?—Tambem não, porque, embora tenham má vontade á Igreja, por si sós nada podem fazer, porque sam uma ridicula minoria.

Então donde virám as oppressões e perseguições, com que os catholicos-liberaes nos ameaçam?—Indubitavelmente delles mesmos. Sam catholicos, dizem, mas não têm escrupulos em perseguir a Igreja, se um dia se lembrarem de vingar-se dalguma imprudencia que nós-outros por ventura tenhamos commetido. Quer dizer, as imprudencias que o jornalismo catholico commetter, quem as ha de pagar é a Igreja, por causa do muito amor que os catholicos liberaes lhe têm.

Se a logica é alguma coisa real e digna de attenção, ninguem recusará esta conclusão a que chegámos: se nós, os jornalistas catholicos, não fomos muito moderados, muito prudentes, a Igreja soffrerá oppressões e perseguições, como vingança dos catholicos-liberaes, a quem desagradamos com a nossa attitude.

Que boa gente não sam os liberaes e principalmente os catholicos-liberaes!—O que é triste é que ainda haja tanta gente que se deixe illudir por elles! Têm dado immensas provas do que sam e do que valem, e ha pessôas que ainda se não querem desenganar.

Não pretendem perseguir

nem offender a Igreja, dizem. E então para que sam o beneplacito, a insinuação regia, a prohibição da profissão religiosa, o desprezo do clero parochial, a oppressão das irmandades e outros muitos abusos offensivos dos direitos ecclesiasticos?

Não sejam hypocritas, tenham coragem de se mostrar como realmente sam. Se não gostam da Igreja, por que nos querem convencer de que sam amigos della? Isso não é proprio de gente honrada. Mostrem-se como sam, para sabermos com quem havemos de lidar.

P. A.

Entre tantas e tam variadas religiões que se perseguem e refulam mutuamente, existe uma apenas que é boa e verdadeira: o Christianismo é uma religião santa e sublime.

Rousseau.

Carta do Porto

Vamos ter o prazer de ver realzado mais um congresso nacionalista.

Essa honra pertencê á formosa cidade de Vianna do Castello. O local escolhido para tal fim é esplendido, por qualquer lado que o encaremos. Mas, se a parte positiva e valiosa do congresso depende das condições moraes do povo a que é destinado, francamente affirmamos que Vianna é aquella cidade de Portugal que mais resultados praticos pôde dar.

Justifiquemos um pouco a affirmação.

É costume fallar-se hoje em honradez, dignidade, cumprimento do dever, etc.; mas isto em geral é, infelizmente, palavriado e nada mais. Porém com o povo do districto de Vianna do Castello não se passam as coisas assim. Ha a lamentar muitas defecções e a registar com a mesma magua um espirito progressivo de descrença por tudo, mas ainda lá se encontram muitos peitos de bons portuguezes.

A escola desmoralizadora do liberalismo tem perdido naquella terra, abençoada de Deus, muitas prelecções. Ali ha o espirito velho dos nossos gloriosos antepassados.

Se ha quem em politica siga um ou outro partido, dos que têm feito a ruina da nossa patria, certamente que na sua quasi totalidade o não fazem por paixão nem sequer por convicção; fazem-no apenas por serem agradaveis a um ou a outro amigo e porque não ha quem em consciencia lhes peça esse apoio para um partido mais nobre, mais honrado, mais cheio de boa fé. Vam fazê-lo agora os nacionalistas com grande resultado, segundo a crença dos melhor entendidos na materia.

A grande massa popular é nacionalista por indole. Vivemos ali alguns annos e conhecemos a indole do povo. Podemos dividi-lo em tres partes: uma destas, vai á urna por querer, por interesse proprio e por paixão; a segunda, compôe-se dos que acompanham os individuos da primeira classe, mas que o fazem por gratidão ou por necessidade—e destes ha immensos; a terceira parte é a dos que, não devendo grandes favores a ninguem, se deixam ficar em sua casa, censurando os desmandos e falta de dignidade que ha em tudo isto. Ora destas tres classes, a mais numerosa é, sem duvida, a segunda. Esta porém abandonará, senão no todo, numa grande parte pelo menos, os partidos que a acorrem, quando outro muito melhor, como é o nacionalista, se lhe apresentar disciplinado, empolgando o futuro para o conquistar, ainda que á força de dedicacão e sacrificio. E fa-lo-ha, porque não tem o coração corrompido e porque está sequiosa de justiça.

Sendo assim, como temos a convicção que o é, por innumerados casos lá presenciados e pelo conhecimento que temos da força que ainda lá tem o cumprimento do dever, é justo esperar-se um fructo abundantissimo do congresso.

A este estado, a que podemos dar o nome de base para a edificacão do nosso partido, accresce, como causa propicia e occasional, o esphacelamento em que ali se acham actualmente os outros partidos. Ha annos passados era naquella cidade e na maioria do districto o partido regenerador o partido dos padres. E dizer-se isto no Minho é o mesmo que dizer-se que era o maior partido local. Por asares da sorte, nasceu dentro deste partido um segundo, que por condições especiaes, que não vem para aqui apreciarem-se, achou-se maior do que aquelle em cujo seio nasceu: é o franquismo.

A morte prematura, em plena vida, de Goes Pinto e Camara Leme, deixou os progressistas numa orphanidade que logo se traduziu pelo enfraquecimento geral deste partido.

Ainda hoje, sobretudo depois que morreu Antonio Alberto, este partido está muito longe do estado prospero doutras eras. Mas o que ali dá um triumpho certo aos nacionalistas é a morte do franquismo.

Ah! este facto é tam pouco conhecido.

Quando, ha dois annos, o sr. João Franco veiu ao norte do país organizar as suas forças, foi a Vianna do Castello, onde o seu partido era esperançosissimo. No banquete official, offerecido áquelle estadista, na força e no calor que o vinho produz, o abba de Santa Leocadia levanta um brinde-discurso ao sr. João Franco, em que o empra a que diga o que sente e o que quer acerca de religião: sobretudo porque se havia dito e escripto que sua ex.^a não tinha bons sentimentos para com a nossa religião. O bom do abba de via ali muitos padres e sabia que immensos outros estavam filiados naquelle partido, por isso comprehendeu que o seu chefe não podia deixar de ser religioso,

e que ali se tornava semelhante ao regedor da sua parochia.

Os outros padres presentes, que se queriam enganar a si mesmos, affirmando que nunca o sr. João Franco dissera nada contra a religião, fizeram bulha para que a voz do orador não fosse ouvida; mas era tarde, todos tinham comprehendido. O sr. João Franco mostrou toda a sua franqueza num silencio profundo e os convivas retiraram-se para suas casas furiosos, por haverem assistido ao enterro local do seu partido; sabiam que ninguem pertenceria mais áquelle partido que se recusou a dizer que era religioso. Isto é um facto.

Ora para onde ham de ir todos aquelles homens filliados no partido regenerador liberal?

Para o partido do sr. Hintze não, porque estão de relações cortadas. Para o progressista não, porque sempre foram inimigos. Por isso só um partido lhes resta, o nacionalista. Por isso diziamos que o local do congresso não podia ser melhor escolhido. Deus abençoe todos os esforços dos que por elle propugnam. E que os dias 2, 3 e 4 de agosto, em que se ha de realizar, fiquem sendo mais uma pagina de ouro num partido tam dedicado e tam nobre.

R. L.

“Para homens livres não ha maior desgraça, do que a deshonra que de seus feitos lhes vêm...”

Demóstenes.

Conselhos sobre a educação

IX

Dos directores e mestres

Os paes de familia, carregados de funcções publicas, ou absorvidos pelos negocios, não podem occupar-se constantemente dos seus filhos. Por outro lado, ás mães falta o mais das vezes a instrucção necessaria para seguir de perto os estudos dos filhos, ou sam afastadas destes cuidados pelos da cozinha. Para que os filhos não soffram comestas difficuldades, é pois urgente confiá-los a mestres sabios e virtuosos que velem de perto sobre as suas inclinações e aptidões e se esforcem por fazer delles christãos convictos, ao mesmo tempo que homens uteis á patria. Aqui dois meios se apresentam: a educação publica e a educação privada. Nós não queremos de modo algum proscrever a primeira, mas, por mais bem dirigida que seja uma escola, apresenta sempre o escolho inevitavel de ser composta de creanças de caracteres e talentos differentes, umas acostumadas a obedecer, outras falhas de disciplina, ou imbuídas de maus principios desde tenra idade. Se o exemplo dos bons pôde ser util, o contacto dos outros é um perigo real para os meninos innocentes e puros. Por pouco numerosa que seja uma instituição, o mes-

tre que á dirige não póde ver tudo, nem occupar-se especialmente de cada uma das creanças confiadas á sua guarda. Dahi certas desordens que escapam á sua vigilancia, certas lacunas deploraveis para as jovens almas ás quaes elle deve inculcar o amor do bem e da virtude.

A educação particular offerece mais garantias sob este ponto de vista; mas tambem por outro lado reconhecemos que não tem as mesmas vantagens sob o ponto de vista da emulação. O melhor partido que se deve tomar, parece-nos pois, para os filhos que se acham em estado de o fazer, juntarem-se a um director zeloso que faça seguir ás creanças cursos publicos a que estas possam concorrer, e que vigie os seus estudos quando entram na casa paterna. Este modo de educação deixa aos filhos todo o beneficio da vida de familia, sem os privar da emulação que reina nas instituições publicas. Mas para ser efficaç, é indispensavel escolher um mestre que allie a experiencia a uma instrução solida e sobretudo a uma virtude provada. Esta questão é duma importancia tam capital que nós não poderíamos aconselhar bastante os paes e as mães de familia a reduzirem, se preciso fôr, as outras despesas, para não se mostrarem parcios neste ponto essencial. Reflectam, por favor, que muitas vezes o futuro e a salvação de seus filhos dependem disso. A melhor herança que lhes podem deixar, é o temor de Deus, o amor do bem, o gosto do trabalho, o respeito da lei divina e o habito do bom emprego do tempo, verdadeiro antemural contra as tentações da ociosidade.

S. João Chrysostomo deplora com razão a indifferença e avareza dos paes que, por egoismo, privam os filhos de tal beneficio. Que diria elle dos nossos tempos em que uma multidão de creanças se educam ao acaso, sem que os paes com isso se inquietem, nem confiem a outros o cuidado de velar sobre almas que lhes deviam ser tam caras? Os paes mundanos esforçar-se-ham por encontrar gerentes conscienciosos para olhar pelas suas terras, arvores ou vinhas, informar-se-ham com cuidado dum cocheiro antes de lhe confiar a sua cavallaria, e não hesitarão em dar-lhe uma remuneração consideravel, por pouco habil que elle seja; mas parece-lhes duro ter de reconhecer os serviços dum preceptor dedicado. As mulheres do mundo procurarão uma recadeira honesta e intelligente; acharão natural dar-lhe avultado salario, e ratiñharão quando se trata de collocar junto das filhas uma pessoa digna de toda a estima.

Ah!—di-lo-hei?—até ha paes que confiarão a um homem em que têm confiança, a gerencia de seus bens, e abandonarão a outro em que o têm menos, a vigilancia de seus filhos. O paes crueis! Guardar-vos-hieis de escolher um creado inepto para cultivar vossos campos, e tranquillizais-vos com qualquer que tome o cuidado de formár a alma de vossos filhos! O vós que com muito gosto dispendeis oiro a mancheias para sustentar um trem luxuoso, não o encontrareis pois senão para satisfazer vossa vaidade? Deixareis vossos filhos educarem-se sem fé nem lei, por não fazer os sacrificios necessarios para os prover de mestres conscienciosos? Deveremos appellar sempre para o interesse humano para vos levar a comprehender que esta juventude, que por vossa culpavel negligencia não conhece nem freio nem princi-

pios, se lançará em mil desordens, e causará por consequencia a vossa afflicção, talvez a vossa ruína? Os mais prudentes de vós, crêem ter feito tudo, quando guardam para seus filhos os bens dos seus avós, e de modo nenhum se inquietam com torná-los ricos de virtudes. Outros se mostram cuidadosos em dar a seus filhos uma instrução solida: vigiam-nos de perto, estimulam-nos ao trabalho e informam-se com cuidado dos seus progressos nas sciencias e nas letras; mas, quanto a preservar-lhes a innocencia, nem sequer nisso pensam. Pouco lhes importa a conducta que levam os filhos, comtanto que estes se saiam bem nos seus estudos e tirem resultados lisonjeiros. Confundiremos estes christãos indignos, citando-lhes o axioma de Séneca que, pagão como era, nem por isso deixava de aconselhar que se velasse antes de tudo pelos bons costumes da juventude, declarando que a sciencia penetra mal em espiritos degradados pelo vicio.

(Continúa).

E' absolutamente necessario para os principes, e para os povos, que a ideia do Ente supremo, creador, governador e remunerador seja gravada profundamente em todos os espiritos.

Voltaire.

SCIENCIA PRATICA

As ameixas

Este precioso fruto, entre nós tam abundante, em virtude das suas propriedades alimentares e calmantes occupa um lugar distincto entre os frutos de verão, e constitue um alimento muito agradável e salutar, não obstante o prejuizo injusto que contra elle voga, de causar dysenteria, sendo certo que as ameixas bem maduras, usadas com moderação, podem considerar-se não só como um meio de curar, mas ainda um dos meios mais poderosos de prevenir aquella affecção intestinal. Não ha duvida de que estes frutos, não sazonados, pelas qualidades asperas e acerbias que apresentam, podem, quando se comem neste estado, sobre tudo em grande quantidade, produzir diarrheias, a dysenteria e mesmo outras doenças. Mas, quando sam maduros, e tomados com moderação, o seu uso não pode ser senão salutar e isento dos accidentes que falsamente lhe attribuem. Tomadas em grande quantidade, e durante muito tempo, as ameixas frescas produzem algumas vezes effeitos maravilhosos nas affecções chronicas ardentes.

As ameixas, quer frescas, quer seccas, podem ser ministradas em decocção na agua, em quantidade variavel segundo as circumstancias. As suas amendoas sam algumas vezes, por causa do amargo que têm, ajuntadas em pequena quantidade ás sementes de que se preparam as emulções, para dar a estes preparativos medicamentosos um ligeiro amargor, proprio para favorecer a digestão. Os cozinheiros preparam das diversas qualidades deste fruto marmelladas, compotas, e outros doces de excellento gosto. A applicação porém mais commum é a que se faz do modo seguinte: tiram-se-lhes os caroços, amassam-se e seccam-se no forno e deitam-se em caixões, onde se conservam para o uso e para o commercio. Neste estado, as ameixas comem-se mais particular-

mente cozidas em agua, e então constituem um alimento laxativo e refrescante, dum uso muito espalhado e vantajoso.

Em fermentação com agua, as ameixas frescas formam um licôr vinhoso e acidulado de que se póde tirar alcool pela distillação.

As amendoas, em razão do amargo, podem ser empregadas como condimento nas iguarias doces, insipidas e açucaradas, para lhes tirar o gosto e facilitar a digestão. E' preciso todavia advertir que o acido prussico, a que devem o amargo, as torna venenosas, não devendo portanto empregar-se senão em muito pequena quantidade.

A gomma amarellada e transparente que estilla da casca do ameixeiro sob a forma de gottas ou lagrimas, tem todas as propriedades da gomma arabica, e poderia ser empregada para os mesmos usos.

E' desde o Evangelho que data a plena, luminosa e sublime revelação da verdade.

Victor Hugo.

Anecdotas historicas

LXXVI

Um blasphemador punido de morte.—O caso seguinte, cujos comentarios deixamos a cargo dos nossos leitores, encontra-se narrado no *Commercio* de Florença e refere-se ao anno de 1804, tempos da revolução italiana:

«A 7 de novembro, em Pavia, foi um homem chamado ao tribunal como testemunha. Apresentam-lhe um Crucifixo para elle prestar juramento. O desgraçado, que já tinha mentido ou queria mentir, exclamou: «Deus me castigue, se não digo verdade!» Mal tinha acabado de proferir este perjurio, caiu morto, ferido de apoplexia. Multidão de gente veiu olhar com terror para o cadaver, que testemunhava mais uma vez como o Senhor póde, ainda nesta vida, manifestar a sua justiça.»

LXXVII

Castigo dum libertino.—O seguinte foi publicado pelo *Observador Romano*, numa correspondencia de Bolonha, e tambem se refere aos nefastos dias da revolução italiana:

«Numa casa situada nas vizinhanças de S. Francisco morava um official de cerca de 24 annos de idade. Atolado em toda a especie de vicios celebrava noite e dia com seus amigos reuniões, em que as horas se passavam nos mais criminosos excessos. Um dia porém aquelle desatinado moço pintou de branco o rosto e, vestido igualmente de branco, estendeu-se em cima duma banca, macaqueando um morto. Depois quis que os seus companheiros o transportassem pela rua; o que com effeito fizeram com grande espanto e escandalo de quantos viram o grutesco acompanhamento funebre. Para cúmulo, aquelles desgraçados iam parodiando em seus cantos obscenos as orações que se costumam recitar pelos mortos. Pois bem: apenas entrado em casa — quem havia de crêr?—o official foi tomado duma forte e terrivel febre, que em oito dias o levou á sepultura! Os numerosos medicos que o visitaram ainda agora perguntam que casta de doença foi aquella que tam promptamente o arrebatou aos seus amigos. Eiz um aviso a quem compete.»

O primogenito do amor proprio é o orgulho: é nelle que a religião e a moral devem concentrar o ataque; mas cumpre matá-lo sem o ferir, porque, se o ferem, o orgulho não morre.

Rivarol.

CURIOSIDADES

Receitas

Bebida de laranjas.

—No estio ha vantagem, sob todos os pontos de vista, em substituir as bebidas alcoolicas ordinarias por bebidas mais refrigerantes. Deste numero é a bebida de laranjas. Para a preparar tomam-se 3^{ch} 500 de açúcar e fazem-se dissolver com um calor brando em 15 litros de agua. Espreme-se separadamente o çumo de 15 laranjas, e ajunta-se este çumo, assim como a pelle e a polpa dos fructos, ao xarope que acaba de ser preparado. Encerra-se esta mistura num barril collocado num quarto quente, onde se deixa tres ou quatro dias agitando-o frequentemente. Póde-se então pôr o batoque no barril e pôr este numa loja fresca e depois trasfegar o liquido, logo que esteja aclarado. Para completar esta bebida os formularios americanos recommendam que se lhe ajunte acido acetico diluido na proporção de 129 grammas por 4 litros e meio de bebida.

Destruição dos ninhos de vespas.—A' noite, quando as vespas estão recolhidas deita-se no buraco que conduz ao ninho metade dum copo de essencia de terebenthina ou sejam quasi 100 grammas; tapa-se hermeticamente o buraco com um torção ou com um pouco de barro e calca-se bem. Os vapores de essencia de terebenthina provocam a asphyxia dos insectos.

Usos do ammoniaco.—Toda a boa dona de casa deve ter á mão um frasco de ammoniaco liquido ou alcali volátil puro. Os seus empregos sam numerosos e diarios: 1.º na *corrysa*, o sentimento tam desagradavel de obstrucção nasal desaparece, se se respirar prudentemente algumas gotas de ammoniaco levemente diluido em agua; 2.º no desaccôrdo, a syncope, etc., dissipa-se, se se passar debaixo do nariz do doente um papel embebido nalgumas gotas de ammoniaco. Além de que os frascos de saes não contêm outra coisa que uma mistura de saes de ammoniaco crystallizados (acetato principalmente); 3.º a embriaguês recente, isto é, o envenenamento alcoolico agudo, é alliviada de repente pela absorção dum copo de agua com 20 gotas de ammoniaco puro. (Cuidado! porque o ammoniaco puro é caustico e queima as mucosas, assim como o vitriolo; 4.º é o ammoniaco que é a base da agua sedativa, que se emprega contra as dores, rheumatismos, lumbagos, etc. Eiz a formula do famoso balsamo opodeldoque:

Ammoniaco	60 grammas
Alcool camphorado	10 "
Sal mariuho	60 "
Agua	1 litro.

«A fortuna a ninguem dá coisa alguma; apenas empresta por algum tempo: e não tarda a exigir de seus favoritos o que parecia ter-lhes dado para sempre.»

La Bruyère.

Congresso nacionalista.—Folgamos de transcrever do nosso prezado collega A Cruz, de Vianna do Castello, a seguinte informação a respeito do congresso nacionalista:

«Têm sido numerosas as adhesões que a Comissão executiva do partido nacionalista desta cidade tem recebido, a proposito do Congresso que promove para os dias 2, 3 e 4 do proximo mês de agosto. Os pedidos de bilhetes, para a assistencia a tam solenne reunião do nosso partido, vêm chegando de toda a parte, e tudo faz prever que o Congresso de Vianna resultará brilhante.»

Era de esperar que assim fosse. O importante congresso celebrado no Porto em 1903, os notaveis incrementos e consolidação do nacionalismo realizados nestes ultimos tempos e o admiravel zêlo da activa commissão de Vianna, tudo fazia prever o resultado que se espera.

Sabemos que muita gente se arrependeu de não ter ido assistir ao congresso do Porto. Era provavel que agora os nacionalistas fossem mais previdentes, pedindo a tempo os bilhetes de admissão. E' o que effectivamente se está vendo, segundo a grata informação do nosso estimado collega.

Eclipse do sol.—Tem logar no dia 30 de agosto um eclipse do sol que começa na bahia de Hudsson, atravessa a peninsula do Labrador, o Oceano Atlantico, a peninsula hispanica, o Mediterraneo, o norte da Africa, na região de Tunis, e o Egypto, terminando na Arabia.

Na peninsula irá desde Ferrol até ás ilhas Baleares, numa faixa de terreno que mede uns 102 kilometros. Em Lisboa começa ás 11 horas e dous minutos da manhã; tem o seu apogeu ao meio dia e 27 minutos e termina á uma hora e 45 minutos da tarde; no Porto começa ás 11 horas e dous minutos da manhã, tem o seu auge ao meio dia e 25 minutos e conclue á uma hora e 45 minutos da tarde.

A parte attingida pelo eclipse, na capital, é de 976 millimetros de diametro do sol e no Porto de 943 millimetros.

Santa Casa da Misericordia.—Procedeu-se no dia 2 do corrente mês á eleição da mesa administrativa da Santa Casa da Misericordia, desta cidade, dando o seguinte resultado:

Provedor—Conego Alberto da Silva Vasconcellos; Escrivão—Alberto Ribeiro Bellino; Thesoureiro do Cofre—Dr. Domingos de Sousa Junior; Thesoureiro do juro—Antonio Pereira de Sousa; Conselheiros—Antonio José de Faria, Antonio Lopes Martins, Antonio Pereira da Silva e José Joaquim Gomes da Silva; Mordomos—Antonio da Cunha Mendes, Augusto de Sousa Passos, Domingos da Silva Gonçalves, Jeronymo Antonio Felix, José Maria Nunes e Manuel Corvas de Azevedo; Definitorio—Antonio José Fernandes, Antonio José da Silva Basto, Conde de Margaride, Francisco Joaquim de Freitas, Francisco Martins Fernandes, Conego Manuel Moreira Junior, Antonio Lopes de Faria, Domingos José Pires, Francisco Ignacio Moreira, Francisco Raymundo de Sousa Guise, Henrique Pinto de Figueiredo e José de Sousa Passos.

A Restauração

Portaria.—O Venerando Antistite bracarense fez publicar a portaria abaixo transcripta, que inserimos para conhecimento daquelles a quem interessa:

D. Manuel Baptista da Cunha, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primás das Hispanhas, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, etc.

Aos que esta Nossa Provisão virem Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Divino Redemptor.

Attendendo ao que nos representou o Provedor da Irmandade da Santa Casa da Misericordia de Guimarães, acerca da conveniencia de na igreja do Hospital a cargo da mesma Santa Casa, sito na freguesia de S. Pedro de Azurey, se administrar o baptismo ás creanças que alli nascem, lavrando o capellão os assentos em duplicado em livros que para isso lhe devem ser fornecidos nos termos da lei, como lhe foi concedido pelo Nosso Predecessor, o Senhor Arcebispo D. José Joaquim de Azevedo e Moura, em Provisão de 8 de abril de 1857 e Portaria de 31 de dezembro de 1859: attendendo outrossim aos inconvenientes que se tem experimentado em estar entregue a administração dos sobreditos baptismos aos parochos da freguesia de S. Pedro de Azurey, tendo Nós sobre isto ouvido o actual Rev. Parocho de Azurey e o Provedor da referida Santa Casa da Misericordia:

Havemos por bem suscitar a observancia das mencionadas Provisão e Portaria, que mandamos se publiquem com esta Nossa, e ordenamos que daqui em diante o Capellão do sobredito Hospital administre ás creanças, que alli nascem, o baptismo na igreja do mesmo Hospital e lavre os assentos em duplicado em livros devidamente legalizados pelo M. R. Arcipreste de Guimarães, a cujo exame e approvação os submetterá em cada anno, obtida a qual remetterá o duplicado para a Nossa Camara Ecclesiastica, e declaramos que esta Nossa concessão em favor do Hospital, a cargo da Santa Casa da Misericordia de Guimarães é feita sem prejuizo dos direitos parochiaes do actual Parocho de S. Pedro de Azurey e de seus successores, continuando, portanto, subsistente a obrigação de a dita Santa Casa pagar ao mesmo Parocho e seus successores a quantia de 30:000 reis annuaes computados na sua congrua nos termos da Portaria regia de 25 de abril de 1842.

Dada em o Nosso Paço Archiepiscopal de Braga sob o Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, aos 28 dias do mês de junho de 1905.

(a) Manuel, Arcebispo Primás.

Mons. Francisco Xavier da Cunha.

Conego Secretario

Preços dos cereaes.

—No mercado da última semana os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Trigo	960
Centeio	660
Milho alvo	900
Milho branco	860
Milho amarello	840
Feijão vermelho	15200
Feijão branco	15080
Feijão amarello	960
Feijão rajado	850
Feijão fradinho	900

Lembrança da 1.ª communhão.—Na *Typographia Minerva Vimaranesa*, á rua de Payo Galvão, encontram-se á venda lindas estampas coloridas, proprias para lembranças da primeira communhão não só para meninas, como também para meninos.

As mais pequenas, que medem 0^m,07 x 0^m,12, vendem-se avulso ao preço de 20 reis.

Quando as encomendas sejam avultadas fazem-se preços muito economicos.

Disse um dia S. Agostinho a Santa Mónica: — Mãe, o que tem o que deseja é feliz?

Respondeu esta: — Se quer o bem e o alcança, é feliz; se quer o mal e o faz, é infeliz.

—Minha mãe, disse o santo, haveis chegado ao mais sublime da philosophia.

LITTERATURA

SOMBRA AMIGA

Corre o seculo XVI.

Para o mar, pescador.

E' noite ainda, e tornará a ser; mas que importa?

Para o mar, pescador.

Lá está elle, o immenso mar, a rugir na foz de Vianna.

—Ainda não, brada a esposa sobre a enxerga esburacada, na casa terrea do bairro arenoso que fica junto á praia, só mobilada com um banco, adornada só com estampas de santos nas paredes.—Oh, ainda não: deixa ao menos romper a manhãzinha. Mãe santissima, que mar!

E a chuva a cair, e as ondas a ouvirem-se, e a ventania a assobiar. Para o mar, pescador.

Lá está elle a chamar por ti.

—Senhora da Saude! Não vás por ora, homem de Deus, continua a esposa a bradar-lhe, agarrando-se-lhe ao pescoço.

E elle já de pé, serio, sem pronunciar uma palavra, resequido pelos vendavaes, cor torrada pelas soalheiras, enregelado pelas nortadas, já vestido e prompto, isto é, descalço, com umas ligeiras calças, um albornoz pouco menos ligeiro do que ellas, e ao peito uns bentinhos velhos, repelliendo docemente a esposa, como o soldado no momento solemne de ouvir soar a trombeta que o chama para a batalha.

Para o mar, pescador.

E a mesma scena afflictiva se está passando naquelle momento de alta noite, no mesmo bairro arenoso, nas centenas de casas terreas, em cada uma das quaes ha também uma esposa afflicta, a mesma miseria de cama e de mobilia, e iguaes estampas dos santos nas paredes humidas.

Ha mais ainda naquellas centenas de casas: sam as creanças, aos milhares, como é proprio dos povos maritimos, quasi nuas, nuas mesmo, sobre a palha, conchegando-se umas ás outras a tiritarem com frio, e no contraste da saudavel apparencia que dá o mar com a debilidade proveniente da fome.

Em todas aquellas casas se está curtindo o transe da mesma agonia. Foi essa agonia que ao depois deu invocação á Virgem, padroeira de todos elles.

Para o mar, pescador.

Além, está o barco da companhia a chamar-te; aqui, a fome da familia a empurrar-te de casa.

Creancinhas, pedi pão; chorai agarradas a vossos maridos, esposas, que podeis ser exemplo ás esposas que vos desprezam: elles lá vam saindo de todas aquellas habitações miseraveis, lá vam praia fora, figuras que por aquella hora pare-

cem espectros, com os bentinhos ao peito, com os remos nas mãos, tirando os barretes no momento de passarem na altura da capella da Senhora da Saude, e marchando para a possibilidade da morte com passo firme como os heroes, deixando então correr pelo rosto as duas lagrimas que esconderam ás mulheres, quando os enlaçaram os braços dellas.

Nos barcos estão já todos.

—Desamarrar, desamarrar, vélas soltas, arraes aos lemes, redes dispostas; a Senhora da Saude vá conosco.

Lá vam... mal se avistam já... desapareceram...

Na cidade dormem socegadas em seus colchões delicados, e em seus lençoes de linho, todas essas familias que pedem ao pescador o peixe mais saboroso do Oceano, a troco da sorte mais ruim que é dada ao trabalho de homens.

No alto mar, pescador.

Passaram-se dias, desencadeou-se o temporal; que feito será delles?

Todo um dia levou na praia a população maritima das mulheres e das creanças. O perigo era imminente. Forçarem os pescadores a barra, morte quasi certa. Morte quasi certa o deixarem-se ficar á tempestade. Que luta! Elles, lá fóra, com as mulheres e as filhas no pensamento; ellas, cá dentro, com os maridos e os filhos de frente dos olhos. Os alaridos na praia estrugem os ares. Um rasgam em farrapos os vestidos, outras arrancam os cabellos ás mãos cheias, outras lamentam em gritos a sorte em que vam ficar, outras elogiam as qualidades dos maridos augmentadas ainda no momento de os suporem perdidos; outras, as mais afflictas talvez, para ali jazem sem pronunciarem uma palavra, os olhos fitos no largo mar com o duvidoso espanto dos corações despedaçados. E umas e outras lá estão, já de joelhos, já de mãos postas, já arremecendo-se ao chão e estorcendo-se em posições diversas, já com os filhinhos nas mãos levantando-os para o céu, já de punhos estendidos voltadas para a capella da Saude invocando a Virgem nos mais altos brados, meneando electricamente a cabeça, da capella para o mar e do mar para a capella. As creanças acompanham com choros e vozarias os choros e vozarias das mães. Não se ouve senão gritos, lamentações, promessas; não se vê senão lagrimas e desesperação... e ao largo a voz da tormenta, as vagas desenfreadas, a vista daquelles homens sentenciados á perda, as figuras solennes daquelles infelizes, tendo por unica salvação a passagem onde está a morte. Ah! se nunca presencasteis uma praia destas, nunca vistes ao vivo o desespero.

E um dia! e uma tarde! e uma noite assim!

Elles sem poderem entrar, e, se não entram...

E de espaço a espaço as horas a baterem no relógio do grande mosteiro de S. Domingos proximo á praia, as horas da noite succedem-se, e aquellas turbas de mulheres e de creanças, já roucas de gritar, já cansadas de esperar em vão.

De repente, como que levadas todas aquellas mulheres de uma ideia subita, abandonam a praia, correm no meio das trévas para a frontaria do mosteiro de S. Domingos, e um brado, ao mesmo tempo unanime e inintelligivel, chama para cima não se sabe por quem.

Então, no alto da frontaria do mosteiro viu-se abrir uma janellinha na correnteza das cellas; o cerrado da tempestuosa noite foi cortado por uma luz que tremia em mão tremula de alguém; viu-se um velhinho de setenta annos chegar áquella janella, debruçar a cabeça, que era um resplendor de cãs, e

só não se viu naquella altura o sorriso doce em que elle pusera a alma.

No momento de apparecer no alto aquella *sombra amiga*, pela qual bradavam nas angustias da afflictão, mulheres e creanças tudo caiu de joelhos com um grito unanime, que não dizia nada e que explicava tudo.

O velhinho também de lá não disse nada, mas tudo entendeu, porque muitas vezes se lhe repeliavam aquellas scenas, e, tendo na mão esquerda a luz, deitou áquella gente a benção da esperança com o emblema da esperança em fórma archiepiscopal, que outr'ora não escondêra no peito, quando atravessou as Hispanhas, porque fóra dellas o primás como arcebispo de Braga; e era esse o velhinho que numa cella obscura do mosteiro renunciára a tudo, menos a estender a mão aos desgraçados quer de dia quer de noite, como bom pastor a acudir ás suas ovelhas.

E mais nada. Elle, do alto, a olhar para toda aquella gente, seu antigo rebanho, com os olhos de amor que tinha D. Frei Bartholomeu dos Martyres; aquella gente, contendo a custo a respiração, sem dizer nada, de joelhos, a olhar para cima, a receber aquelle influxo como um balsamo que a salvava.

E dahi a momentos, diz a tradição, a janella fechava-se, o velhinho encaminhava-se para a torre, ouvia-se tocar o sino grande tres badaladas, e o mar, escutando aquella voz, obedecia áquella mandado, e, tornando-se chão, abria caminho aos pescadores, que vinham cair nos braços das esposas, ha pouco aterradadas e agora doudas de alegria.

Havia também semanas em que a pesca era absolutamente impossivel. Pescadores e mulheres tinham fome.

Que fazer?

Para o *santinho*.

Elle já o presentia. Lá iam, e de lá traziam ás escondidas a bróa, o feijão, as hortaliças, o que elle encontrava pelo convento.

Se fosse unicamente a fome! Mas era também o frio. Para comer tinham-se já vendido as pobres mantas e as enxergas.

—*Santinho*, não temos em que dormir, gritavam da rua mulheres e pescadores, debaixo da providencial janella.

E lá lhes mandava dar os seus lençoes, os cobertores, a enxerga, emfim tudo o que o velhinho tinha na cella para elle proprio dormir.

Os frades, que lhe sabiam dos costumes, andavam sempre a ver que objectos lhe faltavam na cella, para lhos substituirem.

Mas era um moto continuo. Ao principio os frades nadá disseram. Depois fizeram conciliabulos, sem se atreverem a advertir aquelle homem. Por fim ousaram. Pediram-lhe então, com o mais profundo respeito, que moderasse a sua infinita caridade, observando-lhe que, se elle continuava por aquelle andar, ia-se tudo. O Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, o homem que assumbrára com a sua voz o concilio de Trento e o mundo com o seu nome, não disse uma palavra á reprehensão, encolheu os ombros com humildade, sorriu-se, córou pelo unico motivo por que as faces daquelle velho poderiam córar: por ver descoberta a sua caridade; e prometeu emendar-se.

Pouco depois a mesma miseria lá em baixo. A emenda foi esta: em vez de recorrer á portaria do convento, abria de noite a caritativa janella, e de lá deitava ás escondidas para a rua os lençoes, os cobertores, a propria enxerga, tudo o que tinha; mas, quando commetia aquelles novos crimes, fechava á chave a porta da cella, e dormia vestido sobre palha, parte da qual sobrepunha á pedra em que recostava a cabeça.

Quando os frades o vinham a saber, envergonhados ficavam com aquelle exemplo calado, que fallava mais alto do que todos os sermões que elles pregavam.

Que bem que lhe não saberia aquelle somno, dormido nos entresenhos do amor!

Foram estas e muitas outras tradições vivas que eu encontrei na cidade de Vianna a respeito do grande Arcebispo, transformado num pobre frade que abrigava ainda aquelle grandioso espirito.

A esse mosteiro de sua ordem, e de fundação sua nos fins do seculo XVI, se recolheu o Arcebispo como simplez frade, quando, depois de instar e tornar a instar, lhe foi aceita a renuncia archiepiscopal, e é na capella mór do templo de S. Domingos, o mais sumptuoso da cidade, que jazem as suas cinzas, disputadas vivamente por Vianna e Braga, e cuja trasladação para o mausoleu foi solemmnizada com festas divinas e divertimentos profanos.

Não lhe podia fazer mais o povo de Vianna. Quando elle falleceu, foi um pranto geral. A construcção posterior do tumulo realizou-se uma subscrição popular, em que não faltou o obolo de necessitado algum, e a tradição dos seus actos vive ardente desde a casa mais nobre até á mais humilde.

Quando visitei o templo de S. Domingos, perguntando logo pelo tumulo do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, apesar de eu saber onde se achava levantado, o filho do sacristão encolheu os ombros.

—Como? tornei-lhe eu estupefacto. Pois o filho do sacristão do templo de S. Domingos de Vianna ignora onde está enterrado D. Fr. Bartholomeu dos Martyres?

E levando-o á capella mór perguntei-lhe:

—Então de quem é aquelle tumulo?

O sacristão, com um sobresalto de alegria, respondeu-me:

—Esse é o tumulo do *santinho*.

Não lhe sabe o nome o povo de Vianna, mas ninguém deixa ali de saber quem foi o *santinho*: canonicção popular que diz tudo.

Perguntei em seguida pela cella donde o *santinho* fazia as suas proesas de caridade, e onde em 1590 fallecera.

—A cella, respondeu o sacristão, botaram-lhe tudo fóra, quando para aqui mudaram as repartições publicas.

E' uso na Europa não só por parte dos poderes publicos, mas até por parte dos particulares, conservarem-se como reliquias de respeito os aposentos dos que foram espiritos assombrosos. Em Genebra vi eu, no palacio moderno de um particular, a camara de Rousseau, intacta com todos os moveis, no estado em que se achava quando o philosopho morreu. Manda o proprietario mostrá-la aos visitantes com veneração. E' o que teria acontecido ao aposento onde praticou as suas ultimas heroicidades e onde exalou o derradeiro suspiro um velho que se chamava D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, se tal aposento estivesse na Europa.

Sombra amiga, que foste o refugio de tantos desgraçados, a mão devastadora dispersou ao vento da barbaridade os objectos da tua cella para a converter não sei em que receptaculo de salvação publica, mas ha uma cousa que ella não tem força para destruir: é a lembrança dos heroes. Se o povo de Vianna já não pôde ir á tua cella bemdizer a tua memoria, nem por isso a tua memoria perdeu, porque de idade em idade não ha ali um só coração em que ella não esteja gravada com o mais puro amor.

D. Antonio da Costa.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas
POR
Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e Indulgenciada
pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} S^{nr.} D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrín-douradas	1000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR
J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

POR
GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} S^{nr.} D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42, 1.^o—Porto.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR
José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação.— Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.^o volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranesense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

M^{gr.} ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio acresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO
SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel

Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor

do Seminario dos Carvalhos

2 volumes. 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.^{as}, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe "pro Ecclesia et Pontificie" e redactor da "Revista Catholica".

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientifica e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfiziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta donta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo diferente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no como mercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circunstances do nosso tempo. Para texto não se encontra compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 réis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.^o volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU